

**EU VI O OVO, VIVI VÊ A UVA: AS ESCRITAS EM CADERNOS ESCOLARES DO**

**1º ANO DO ENSINO PRIMÁRIO (1952)**

ALICE RIGONI JACQUES<sup>1</sup>

A partir do momento que se puxa um fio de novelo, tudo vem. Um rolo de filme também permite trazer à tona o que ficou registrado num tempo qualquer: os atores, os fatos, os acontecimentos, os momentos (ANNE-MARIE CHARTIER, 2007, p.64-65).

A história da cultura escolar é também um fio de novelo, um rolo de filme que ao ser estudada, evocada apresenta compreensão, estranhamento e constituição de uma memória. Isto vem afirmar o conceito de Candau (2014, p. 9), quando diz que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. Para Nora (1984), a memória é mais um enquadramento do que um conteúdo, é um objetivo que se pode alcançar, um conjunto de estratégias, um “estar aqui” que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele.

Como a memória nos permite construir, revisitar uma história, uma trajetória, a pesquisa surge para produzir ou constituir os seus próprios materiais onde será traçado um diálogo científico e acadêmico para compartilhar práticas, representações, crenças, lembranças, realizadas numa determinada sociedade ou cultura. Então, a pesquisa é uma forma de pensamento e de participação social e cultural de profundo significado pedagógico e antropológico. Permite, em síntese, fazer história e fomentar uma cidadania do local<sup>2</sup>. Ela não parte do zero, mas de reflexões sistematizadas e orientadas por um determinado problema.

Nesse sentido, os currículos escolares, a história das instituições e das práticas educativas, memórias e percursos biográficos, agentes, estruturas políticas e experiências educacionais, são estratégias idiossincráticas que favorecem a memória e a identidade e constituem base cognoscente para a cidadania (MAGALHÃES, 2010, p.30).

Nessa ótica as escritas presentes nos cadernos escolares nos remetem a reflexões sobre as práticas educativas desenvolvidas nas escolas. E os cadernos dos alunos de diferentes épocas constituem um observatório privilegiado dos usos cotidianos e ordinários da escrita. Permitem analisar os processos de didatização da escrita operados pela escola, que implica não apenas nos exercícios de habilidade manual e de técnica dos traçados aprendidos através

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em educação/PPGE da PUCRS. Assessora do memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS.

<sup>2</sup> Tyack e Cuban (1995), entre outros, trabalharam a noção de fazer educação com história.

da caligrafia, mas em usos variados dos suportes de escrita adotados em diferentes momentos da história (STEPHANOU; BASTOS, 2012, p.111).

Portanto, o caderno escolar é, junto com outros materiais, o instrumento escolar que nos aproxima do que acontece em sala de aula, das atividades diárias da turma. Oferecem um panorama das práticas escolares que se realizam na sala de aula. Assim, *Eu vi o ovo, Vivi vê a uva* eram frases corriqueiras presentes nos cadernos escolares na década de 1950, do ensino primário do Colégio Farroupilha<sup>3</sup> de Porto Alegre/RS.

O presente estudo analisa estas escritas em nove cadernos escolares de um aluno da 1ª série do Ensino Primário do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS/Brasil no ano de 1952.

O conjunto de cadernos doado ao Memorial<sup>4</sup> da escola pelo próprio aluno se apresenta encadernado, com uma capa dura de cor vinho contendo uma borda de tecido bege.

A análise dos cadernos consistiu na pesquisa documental, leitura, categorização e formação de unidades para interpretação dos documentos. O estudo detém-se em seis cadernos de Caligrafia, um caderno de exercícios de Português e dois cadernos de Aritmética. O objetivo deste trabalho é mostrar que as percepções da escola e das práticas educativas realizadas na instituição se refletem nestes documentos e que as escritas que aparecem nos cadernos escolares não surgem de uma exigência íntima, mas de um controle e de uma disciplina instituída pelos professores, pois os textos, exercícios, cópias, atividades de caligrafia, ditados, escrita de números, operações matemáticas e desenhos realizados pelos alunos pertencem à categoria de “escritas obrigatórias”, ou seja, aquelas que simplesmente eram um reflexo das palavras e atitudes do professor ou da cartilha e que se reproduziam nos cadernos escolares. Pouquíssimos tipos de escritas encorajavam a criatividade dos alunos, a maioria delas era escritas das professoras realizadas no quadro-negro.

Ao analisar a coleção de nove cadernos da 1ª série de 1952, vamos perceber que as escritas contidas nestes documentos evidenciam os valores transmitidos pelos docentes através dos exercícios realizados, a partir da interiorização e expressão que os discentes faziam na realização das atividades desenvolvidas. A preocupação se dava com o trabalho formal do aluno onde a escrita reta, ler bem, escrever e contar era recomendado.

---

<sup>3</sup> O Colégio Farroupilha é uma instituição tradicional de Porto Alegre (RS/Brasil). Foi fundado por imigrantes alemães e é mantido até hoje pela Associação Beneficente e Educacional de 185. Sobre, ver Jacques (2013, p.51-73).

<sup>4</sup> Sobre, ver JACQUES & GRIMALDI (2013); BASTOS & JACQUES (2014); JACQUES & ALMEIDA (2014) e JACQUES (2015).

Para Chartier (2007, p.107), escrever era saber a ortografia: a dupla “ditado-questão” começava a ser praticada, graças às escolhas dos ditados graduados e do ritual da análise gramatical, mas poucos professores ainda imaginavam que os alunos desse nível pudessem redigir. Contar era se exercitar em todo tipo de cálculo em problemas formulados de acordo com esquemas precisos. Enfim, ler era se instruir em tudo, já que as leituras cotidianas permitiam aprender todos os “conhecimentos usuais” a serem retidos (países, animais, plantas, história, invenções).

A 1ª série do ensino primário tratava de ensinar a decifrar, segurar o lápis e/ou a pena, para depois desenvolver a leitura, combinada com cópias, ditados, exercícios gramaticais como separação de sílabas, nomes, problemas, lições de História, Geografia e Ciências, que exercitavam também a leitura.

Assim, a construção dos saberes da escolarização era marcada pela oralização coletiva das leituras, páginas de cópias e de ditados e das lições recitadas.

Na 1ª série o ensino do código alfabético, missão tradicional da alfabetização, visava somente a facilitar a identificação das palavras que compunham os textos, para propiciar no final, uma leitura quase imediata dessas palavras, sem cansaço. Esse processo permitia passar de uma leitura de laboriosa decifração para uma leitura corrente, relacionando as palavras entre elas nas frases e nos textos, sem que a criança ficasse presa ao esforço de ler palavra por palavra, perdendo o sentido geral daquilo que lia. A missão específica das primeiras séries do ensino primário era treinar os alunos para essa leitura corrente; por um lado, consolidando e fixando automatismos de decifração ainda frágeis e, por outro, aumentando o número de palavras reconhecidas diretamente, que os alunos já “conheciam de cor”, porque eram lidas e escritas frequentemente (CHARTIER, 2007, p.150-151).

### **Os cadernos escolares**

Os cadernos escolares têm uma história de produção, circulação e usos. Assim, há toda uma tipologia de cadernos escolares, desde o formato, dimensões, disposições dos espaços gráficos, capa, etiqueta de identificação, número de páginas, frisos<sup>5</sup>, os diferentes tipos de linhas e quadriculados, margens de diferentes espessuras, que tem a ver com as orientações ideológicas da teoria pedagógica. Os cadernos também podem ser utilizados somente para um

---

<sup>5</sup> Frisos: ornamentos, diagramas decorativos, faixas simples com elementos retilíneos realizados no término das atividades nos cadernos escolares. Surgiram na década de 1930, como conteúdo específico de Desenho.

tipo de atividade, exercício ou disciplina; especiais (caligrafia, cálculo, desenho, redação, cópia, deveres de casa, etc.); (JACQUES, 2011, p.54).

Os nove cadernos analisados, apresentam tamanho pequeno medindo 16cm x 23cm. A maioria deles possuem 16 folhas e são cadernos de brochura<sup>6</sup>, grampeados no meio.

Os cadernos analisados apresentam capas na cor azul cinzenta. A cor era uma marca nos cadernos escolares desta época. Todos os documentos apresentam uma etiqueta branca de identificação colada na capa ou impressa pela tipografia.

A etiqueta branca colada na capa do caderno apresenta o logotipo da escola impresso: uma peninha desenhada com o GF (Ginásio Farroupilha) na cor azul ou CF (Colégio Farroupilha). A maioria das etiquetas não está preenchida, mas as que estão destaca-se o nome do aluno, a série e o número de matrícula.

### **Cadernos de Caligrafia**

Segundo Stephanou e Bastos (2012, p.115), no universo escolar, ensinar a escrever é tarefa imprescindível ao processo de alfabetização. O domínio da escrita implica um conjunto de saberes e habilidades complexas: não só identificar as letras do alfabeto, mas desenhá-las com clareza, destreza, domínio da mão e dos instrumentos necessários<sup>7</sup>. Além disso, a escrita escolar, pensada como uma habilidade ensina a coordenar o uso da folha branca, distribuindo bem os espaços segundo uma estética própria.

A caligrafia é uma atividade autônoma no ensino primário, muitas vezes separada das demais disciplinas. Nos cadernos de caligrafia, os alunos deveriam produzir letra bonita, a partir da repetição constante de letras e frases, o que marca o imaginário infantil por toda sua vida. A insistência no treino, na disciplina, no asseio e na repetição, para adestrar uma competência gráfica, também repercute como um exercício espiritual da pedagogia primária, pois, mais do que escrever, “deve formar o aluno atento, cuidadoso, aplicado, respeitando até ao detalhe de seus gestos a maneira de fazer o que lhe é imposto” (VINCENT, 1980, p.11).

Na década de 1950, os exercícios de caligrafia da primeira série do Colégio Farroupilha, preenchiam a grande maioria dos cadernos, pois essa prática escolar tinha a centralidade no processo de alfabetização. Nos seis cadernos de caligrafia presentes na coleção as linhas são quadriculadas. Uma linha apresenta quadrinhos largos, onde os alunos

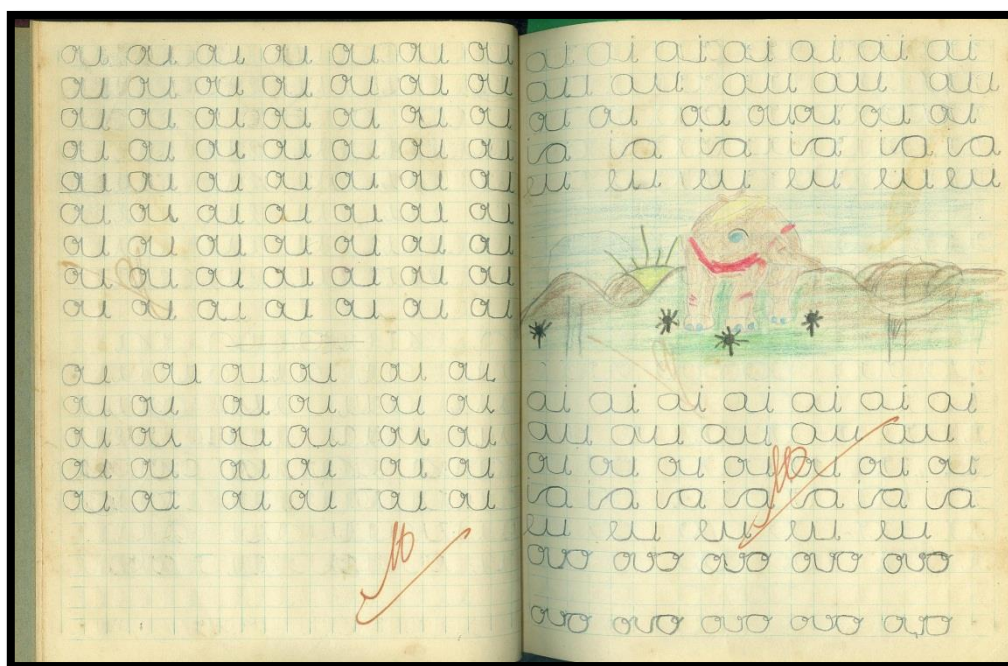
---

<sup>6</sup> Brochura: folheto, caderno, livro de pequenas dimensões, revestido com capa de papel ou cartolina colada ou grampeada na lombada.

<sup>7</sup> Sobre desenho e caligrafia, ver Trinchão (2012).

preenchiam as letras e outra linha contém quadrinhos estreitos, as quais separavam as letras e/ou palavras escritas.

Os cadernos apresentam inicialmente a escrita de letras e palavras em páginas inteiras: i i i; u u u; ai, ai ,ai; eu, eu, eu; ovo, ovo; ovo; e depois frases curtas, repetidas até o preenchimento completo da página: Eu vi a uva; A ave voa; Vovô viu as uvas; O dedo da Eva; O dado do Ivo; Didi é vivo e vadio; A luva é da moda; Miau é meu; Mimi mama; O tio vê o tatu; Tomás bebe tinta? Galo assado é gostoso.



**Figura 1.** Caderno de Caligrafia da 1ª série (1952).

**Fonte:** Memorial do Colégio Farroupilha.

Ao analisar os cadernos de caligrafia fica evidenciado que os exercícios eram utilizados para que, pela repetição, memorização e treino a criança adquirisse valores morais e estéticos, que eram considerados imprescindíveis ao processo educativo. Nos cadernos, o capricho para com as belas letras e o asseio do material instruíam também para a formação moral do aluno.

As frases “Eu quero ser obediente” e “Eu sou educado”; foram escritas onze vezes cada uma nas páginas do caderno, com a função de reforçar atitudes edificantes, com visível objetivo formativo.

Estas atitudes edificantes ou os registros morais formativos estavam contemplados nas linhas copiadas e preenchidas nos cadernos como exercício de caligrafia<sup>8</sup>.

### **Caderno de Português**

No caderno de Português encontramos uma diversidade de atividades conforme quadro abaixo:

**Quadro 1.** Exercícios do caderno de Português.

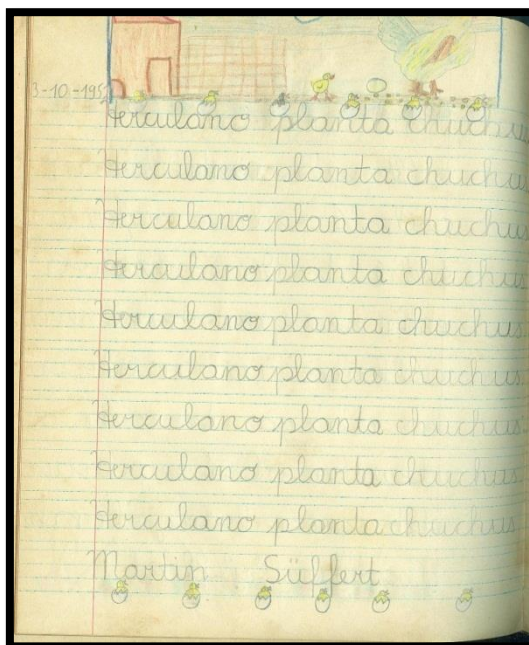
Exercícios	Quantidade
Frases para treino da caligrafia	2
Cópias de textos	8
Singular e plural	2
Gênero masculino e feminino	2
Formação de frases bonitas	1
Diminutivo	1
Alfabeto maiúsculo e minúsculo	1

**Fonte:** Caderno da 1ª série (1952).

O caderno de Português inicia com a escrita de frases. As frases para o treino caligráfico estavam acompanhadas de desenhos feitos pelo aluno. Na frase *Alberto Santos Dumont*, ele desenhou um avião e coloriu o friso com vários aviõezinhos, na frase *Herculano planta chuchu*, aparece o desenho de uma casa com quintal, galinha e pintinhos. Já o friso está representado com o pintinho saindo da casca do ovo. No final de cada página o aluno escreveu seu nome completo.

---

<sup>8</sup> Depois da guerra de 1914-1918, os métodos ativos recomendavam que as questões morais fossem tratadas “concretamente”, por ocasião de situações reais: conflitos entre alunos, incidentes da vida escolar, acontecimentos da vida social, observações feitas pelas crianças, etc. Essa pedagogia da “moral ocasional” não podia ser programada nem controlada. Outros professores mantinham uma “conversa” matinal regular, perpetuando o antigo programa, que deixa sinais no diário de classe, mas não nos cadernos dos alunos (ANNE-MARIE CHARTIER, 2007, p.28).

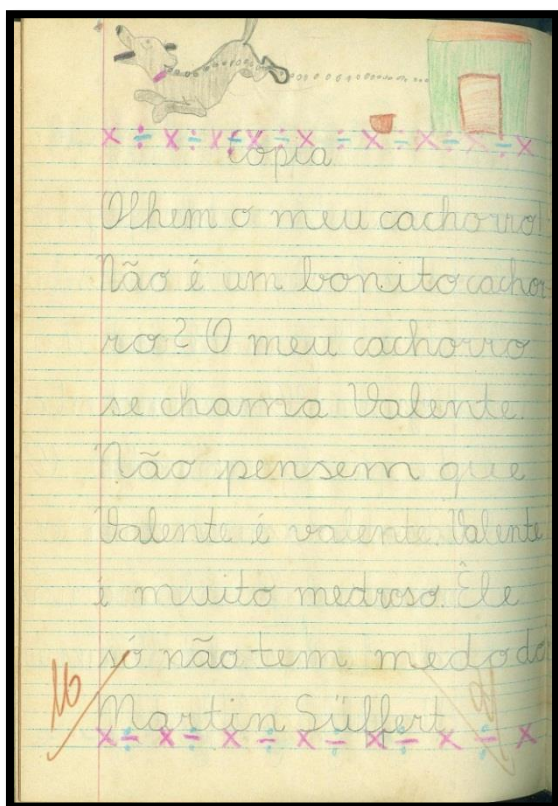


**Figura 2.** Caderno de Português da 1ª série (1952).  
**Fonte:** Memorial do Colégio Farroupilha.

Os oito textos copiados no caderno foram retirados da Cartilha Proença<sup>9</sup>. Nos cadernos os textos estão copiados com letra cursiva, escritos à lápis e acompanhados por desenhos ilustrativos feitos pelo aluno.

No texto sobre o cachorro chamado Valente, o aluno desenhou a casinha e o cachorrinho amarrado na corrente. O aluno realizou a cópia até o final da página, não escrevendo o texto completo da cartilha.

<sup>9</sup> A Cartilha Proença (1926-1955), de Antônio Firmino de Proença era entregue aos alunos da 1ª série do ensino primário no mês de outubro, e marcava a passagem à nova cartilha. Sobre, ver BASTOS & JACQUES (2013, p.209-231); ver FRADE (2010); MORTATTI (2010).

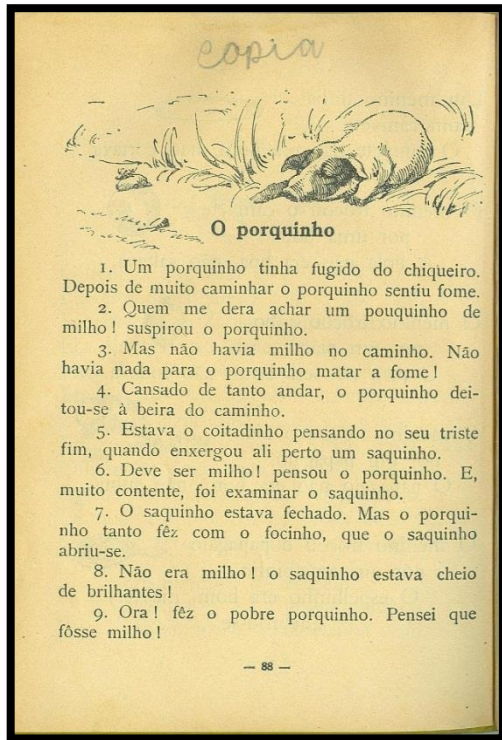


**Figura 3.** Cadernos de Português (1952).  
**Fonte:** Memorial do Colégio Farroupilha.

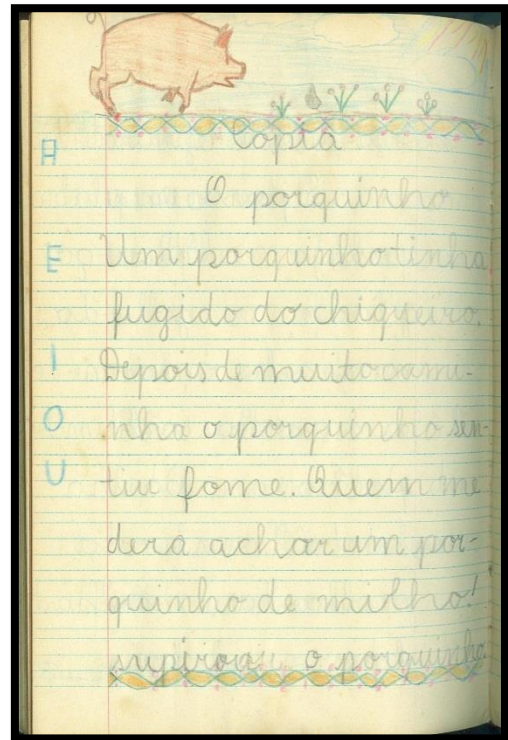


**Figura 4.** Cartilha Proença (1950).  
**Fonte:** Memorial do Colégio Farroupilha.

A escrita realizada a partir da cópia, também é uma arte que compreende duas competências fundamentais: escrever bem e escrever certo. Esta complementariedade corresponde a um domínio da caligrafia e da ortografia, e exige uma prolongada aprendizagem, pois provavelmente a cópia dos textos nos cadernos era realizada diretamente da cartilha e não escrita no quadro negro pela professora. Essa constatação se dá devido às marcas deixadas na própria cartilha com a escrita da palavra “cópia”, e no caderno analisado há o registro da frase “cópia”. O exercício de cópia da cartilha para o caderno apresenta os diferentes tipos de escrita. Na cartilha a letra era script e no caderno a letra aparece em forma cursiva. Portanto, o aluno se defrontava com uma diversidade de manifestações e de práticas de escrita ao mesmo tempo.

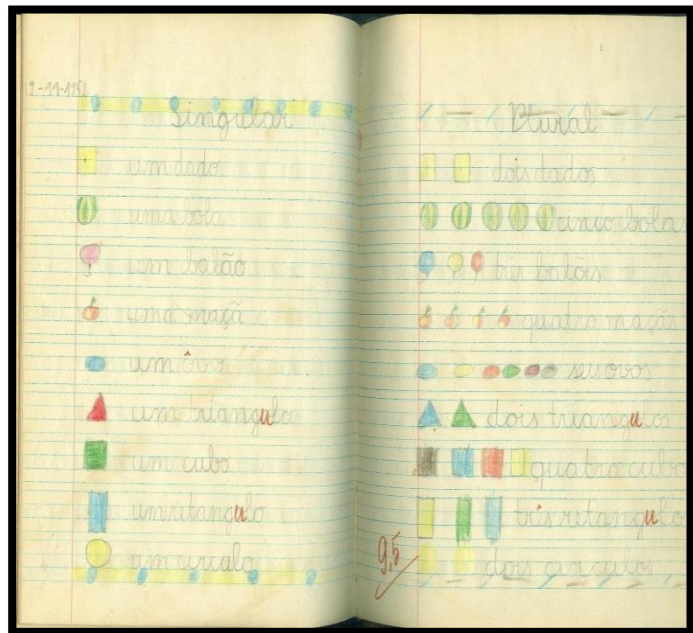
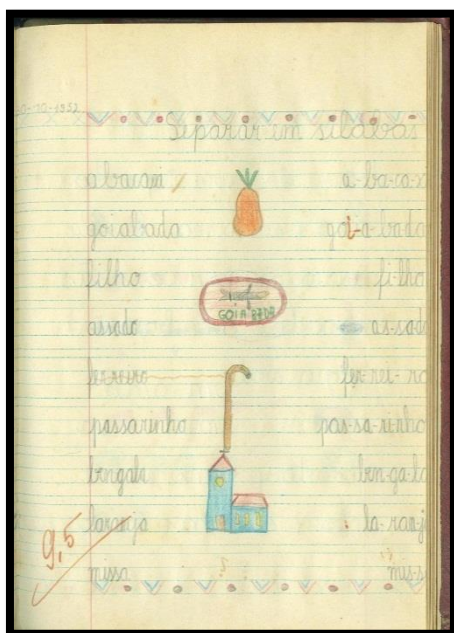


**Figura 6.** Cartilha Proença (1950).  
**Fonte:** Memorial do Colégio Farroupilha.



**Figura 5.** Cadernos de Português (1952).  
**Fonte:** Memorial do Colégio Farroupilha.

Exercícios contendo noções de singular e plural, masculino e feminino, diminutivo e separação de sílabas também estavam presentes no caderno de Português.



**Figuras 7 e 8.** Cadernos de Português (1952).  
**Fonte:** Memorial do Colégio Farroupilha.

Formar frases bonitas era outra atividade realizada na 1ª série. Este exercício foi realizado no mês de novembro, então podemos inferir que os alunos já estavam alfabetizados e conseguiam utilizar vocabulário da sua vivência e de seu domínio de escrita. Apresentavam conhecimento das letras do alfabeto e sabiam empregar as letras maiúsculas e minúsculas. Também apresentavam capacidade de representar as letras isoladamente ou em palavras dando sentido às frases.

No caderno de Português encontramos uma página com a escrita delas. *Eu gosto de brincar de peteca com o meu amigo. A criança brinca e ajuda aos seus pais. O relógio marca as horas e os minutos. Eu falo com o meu papagaio. No aquário tem peixes.*

Estas normativas presentes na escrita do aluno se referiam ao Programa de Linguagem do 1º ano do ensino primário citadas no Decreto da Legislação Estadual N.8.020/1939<sup>10</sup>.

As escritas infantis na escola primária apresentam questões pertinentes de estudos que nos levam a entender o processo de escolarização das práticas culturais da leitura e da escrita. Para o professor de escola primária, a escrita representa instrumento importante, pois desenvolve hábitos de ordem, de cuidado e de método, permitindo uniformidade no ensino. Assim, a escrita pode ser entendida como uma arte que, segundo Magalhães (2008, p.32) compreende duas competências fundamentais: escrever bem e escrever certo.

Analisar as fases e as marcas da escolarização da escrita, de calígrafo, a copiógrafo, a escrevente, permite observar como a escrita foi se configurando e circunscrevendo a uma cópia a um exercício, pouco favoráveis à expressão e à criatividade. A escrita caligráfica converteu-se na marca da escrita da criança e com ela numa antropologia letrada. O escolar é o que pratica o ofício de escrevente. A caligrafia enquanto arte constituída, circunscreveu-se no quadro escolar a uma técnica de escrita, num processo em que, por sua vez a escrita, se inscreveu ao caligráfico escolar (MAGALHÃES, 2008, p.40).

### **Cadernos de Aritmética**

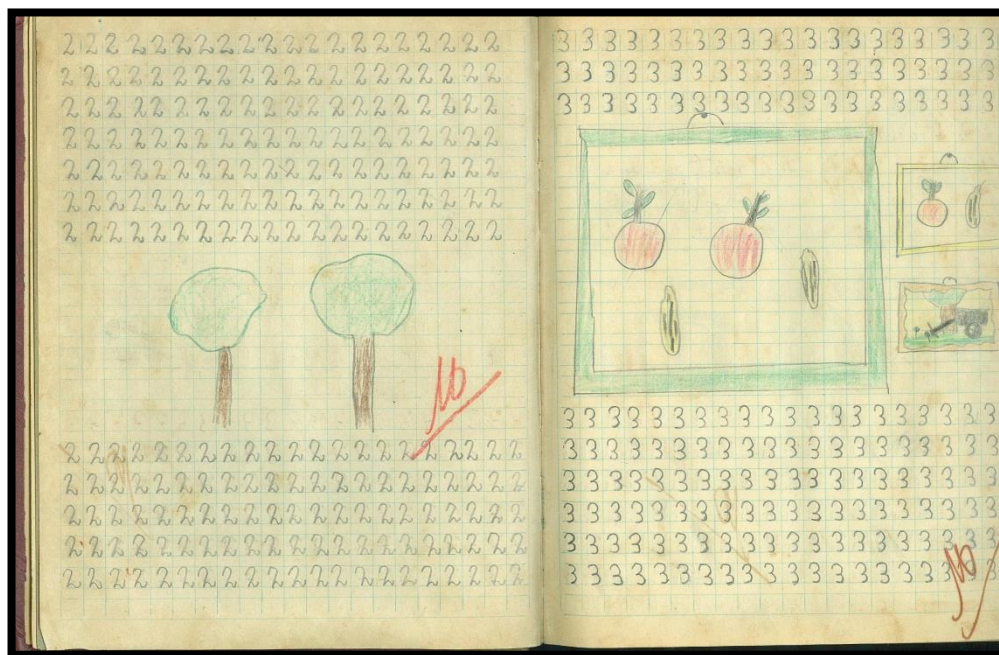
Mesmo existindo grande preocupação por parte da escola e das professoras no processo de alfabetização no 1º ano do ensino primário, a Aritmética estava presente nos conteúdos programados e desenvolvidos. Os dois cadernos de Aritmética da coleção, são quadriculados

---

<sup>10</sup> O Decreto N.8.020/1939 aprovava o programa mínimo de Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Estudos Naturais, Desenho, Artes Aplicadas e Música a ser adotado nas escolas primárias do Estado. Esse decreto surgiu a partir da necessidade de imprimir orientação uniforme ao trabalho educativo nas escolas primárias do estado, através da prefixação dos objetivos a atingir e da previsão dos meios adequados a realizá-los.

para que a escrita dos números fosse realizada dentro de cada quadrinho, permitindo assim o traçado correto e a escrita esteticamente bem feita dos números.

Percebe-se uma preocupação e um nível de exigência bem acentuado por parte da professora e da escola quanto à grafia correta dos números associados às quantidades. Nos cadernos temos a representação deste exemplo.



**Figura 9:** Caderno de Aritmética (1952).  
**Fonte:** Memorial do Colégio Farrroupilha.

As operações matemáticas de adição e subtração eram introduzidas através de desenhos, pois a ideia de contar compreendia a ação consciente de contar alguma coisa: a criança dizi e/ou escrevia UM e contava, mostrava ou representava um objeto; e ao dizer dois, três, etc., ela contava o segundo, o terceiro, etc., objeto. Nesse processo o objetivo era levar a criança à concepção simultânea do número.

De acordo com Tochtrop e Bunse (1947, p.9-10), o objetivo do primeiro ano era criar absoluta firmeza e clareza nos números até 100 e nas operações fundamentais, antes de tudo na adição e subtração. Multiplicação e divisão eram introduzidas e preparadas nos anos seguintes.

Assim, todo cálculo do primeiro ano deveria ser mental. E, se introduzisse as contas por escrito, elas teriam a forma do cálculo mental. Clareza seria a primeira meta; rapidez e mecanização só se adquiririam aos poucos, e como resultado do trabalho contínuo.

Noções de dezenas de dúzias também eram introduzidas na 1ª série através de desenhos.

Frente a isso, percebe-se que os objetivos da Aritmética no 1º ano do ensino primário era prover o aluno de conhecimentos e habilidades que lhe permitissem usar a Matemática, como instrumento na resolução de situações da vida que envolvesse as noções de quantidade, número, forma, extensão e posição. Desenvolver certas capacidades que assegurasse exatidão e rapidez nos cálculos, melhoria do raciocínio e iniciativa.

Emprego de material variado, representação de objetos acompanhada de número que lhes corresponde, contagem de 1 em 1, 2 em 2, 3 em 3; constituíam apoio ao estabelecimento correto de relações numéricas.

### **À guisa de conclusão**

Ao analisar as escritas na coleção de cadernos da 1ª série de 1952 percebe-se que a preocupação da professora era propor exercícios onde a criança apresentasse uma boa escrita e utilizasse o menor tempo possível para sua realização.

O objetivo ao escrever a mesma palavra, a mesma frase, o mesmo número páginas e páginas inteiras dos cadernos, era para tornar a escrita ágil, veloz e bela e realizar um traçado correto, legível e estético. Nessa perspectiva, a professora do ensino primário ao elaborar e aplicar os exercícios para treino de caligrafia estava a serviço de um objetivo maior, que era o de disciplinar, por meio da escrita, o futuro cidadão, o que foi legitimado pelas práticas escolares, pois estas práticas apontavam a escrita como uma via disciplinadora dos sujeitos. Na escola primária o objetivo principal era ensinar a ler e escrever. Portanto estas duas práticas estão refletidas continuamente no conjunto de cadernos analisado.

Para Orminda Marques (1936), a elaboração dos exercícios para o desenvolvimento da escrita e para o treino de caligrafia, estava a serviço de um objetivo maior, que era o de disciplinar, por meio dela, o futuro cidadão, legitimando-o pelas práticas escolares. Ao preparar os exercícios que classificava como uma “caligrafia funcional”, a professora indicava que se tratava de uma “caligrafia para a vida” e que as práticas escolares apontavam a escrita como uma via disciplinadora dos sujeitos.

Fica evidenciado, portanto que os exercícios de cópia eram utilizados para que, pela repetição, a criança adquirisse valores morais, que para a professora, eram imprescindíveis ao processo educativo. Por isso, sua preocupação diária no acompanhamento das atividades,

destacando sempre a sua marca de correção. Mignot (2008) assinala que, nos cadernos de caligrafia, o capricho para com as belas letras e o asseio do material instruíam também para a formação moral. Nesse caso, a professora reforçava seu papel de disciplinadora de sujeitos quando exigia capricho, ordem e limpeza nas técnicas da boa letra e nas tarefas cotidianas dos cadernos escolares.

A cópia (no sentido antigo) não desapareceu, mas regrediu fortemente (o aluno não copia mais os textos dos problemas, nem mesmo, às vezes, as instruções dos exercícios). Os recursos do computador, que permitem descobrir de forma precoce a função “cortar-colar”, acentuou ainda mais a desqualificação do gesto de copista dos discursos institucionais. Os jovens professores têm dificuldade em imaginar que a cópia possa ter sido um tempo de aprendizagem, de apropriação ou de automatização de múltiplos saberes (gráficos, ortográficos, sintáticos, disciplinares), já que veem nela apenas uma reprodução mecânica consumidora de tempo e cognitivamente vazia, da qual as fotocópias felizmente aliviaram os alunos. Um olhar retrospectivo vê nos belos cadernos do dia de antigamente o sinal de uma exigência de perfeição desaparecida, bem própria para alimentar as nostalgias de uma idade de ouro escolar (ANNE-MARIE CHARTIER, 2007, p.56-57).

A partir deste estudo conclui-se que, as atividades realizadas nos cadernos eram escritas padronizadas, esterilizadas, controladas pelos métodos e pela professora, onde a legibilidade da letra, a organização, a clareza, limpeza do caderno e traçado eram dispositivos importantes na prática pedagógica desenvolvida.

A recorrência das escritas nos cadernos também evidencia a construção de um discurso indicador de identidades, do aluno, da professora e da instituição, uma vez que, expressar-se corretamente por escrito e de forma legível era importantíssimo (mais do que verbalmente) porque a escrita permanece. Nesse sentido, as escritas, se apresentam como uma fotografia do “fazer da professora”, sua postura hierárquica de educadora.

Essas escritas além de servir a um currículo, trazem um discurso que produz seu próprio objeto, selecionado a partir do contexto histórico, com interesse em formar uma determinada identidade, de aluno e de pessoa. Além de exercitar a letra, tornando-a bonita, homogênea e limpa, seu conteúdo, representa uma tentativa, por parte da professora, de produzir um bom aluno e cidadão com características desejáveis no contexto social da época.

O trabalho docente deixou marcas e memórias, pois expressam obstinação em buscar a perfeição, em tornar-se referência de organização, em conhecer métodos e tirar deles o melhor proveito para seus alunos.

A década de 1950, a que este estudo se refere, materializa a representação do discurso da comunidade escolar, do dizer desses professores, delineando a partir das escritas, uma identidade profissional docente.

### Referências

- BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni. **Cartilha, festa e escrita infantil: álbuns e cartas dos alunos do curso primário (1948-1966)**. In: BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni. **Liturgia da memória escolar – Memorial Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 49 - 76 jan./jun. 2014.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo, 2014.
- CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita - história e atualidade**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.
- FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. **Cartilha Proença e leitura principiante de Antônio Firmino de Proença: configurações gráficas e pedagogia**. In: RAZZINI, Márcia de Paula G. (Org.) *Antônio Firmino de Proença: professor, formador, autor*. São Paulo: Porto Ideias, 2010, p. 141-170.
- JACQUES, Alice Rigoni; GRIMALDI, Lucas Costa. **O Memorial Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Um espaço de ensino e pesquisa (2002)**. In: BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- JACQUES, Alice Rigoni. **A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886)**. In: BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Acervo escolar do Colégio Farroupilha: lugar de ensino e pesquisa.** XI Congresso Iberoamericano de História de La Educación Latinoamericana Sujetos, poder y disputas por la educación (Toluca/México), 2014.

MAGALHÃES, Justino Pereira. Escrita escolar e oficialização da escola portuguesa. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (dir); BLAS, Verónica Sierra (ed). Mis primeros pasos – Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). Espanha: Ediciones TREA, 2008.

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Da cadeira ao banco.** Escola e Modernização (Séculos XVIII-XX). Portugal: EDUCA, 2010.

MARQUES, Orminda. **A escrita na escola primária.** Editora Proprietária CIA. Melhoramentos, São Paulo, 1936.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita.** Rio de Janeiro, 2008.

MORTTATI, Maria do Rosário Longo. **Antonio Firmino de Proença na história da alfabetização do Brasil.** In: RAZZINI, Márcia de Paula G. (Org.) Antônio Firmino de Proença: professor, formador, autor. São Paulo: Porto Ideias, 2010, p.117-139.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire – I: La République.** Paris: Gallimard, 1984.

TOCHTROP, Leonardo; BUNSE, Henrique. **Aritmética elementar.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947.

TRINCHÃO, Gláucia (Org.). **Do Desenho das Belas Letras à livre expressão no desenho da escrita.** Salvador: EDUFBA: EDUEFS, 2012. (Coleção Estudos Interdisciplinares em Desenho).

TYACK, D. e CUBAN, L. **Tinkering toward Utopia.** A Century of Public School Reform. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1995.

VINCENT, Guy. **L'éducation prisonnière de la forme scolaire? Scolarisation et Socialization dans les sociétés industrielles.** Lyon: PUFLyon, 1980.